

# Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA

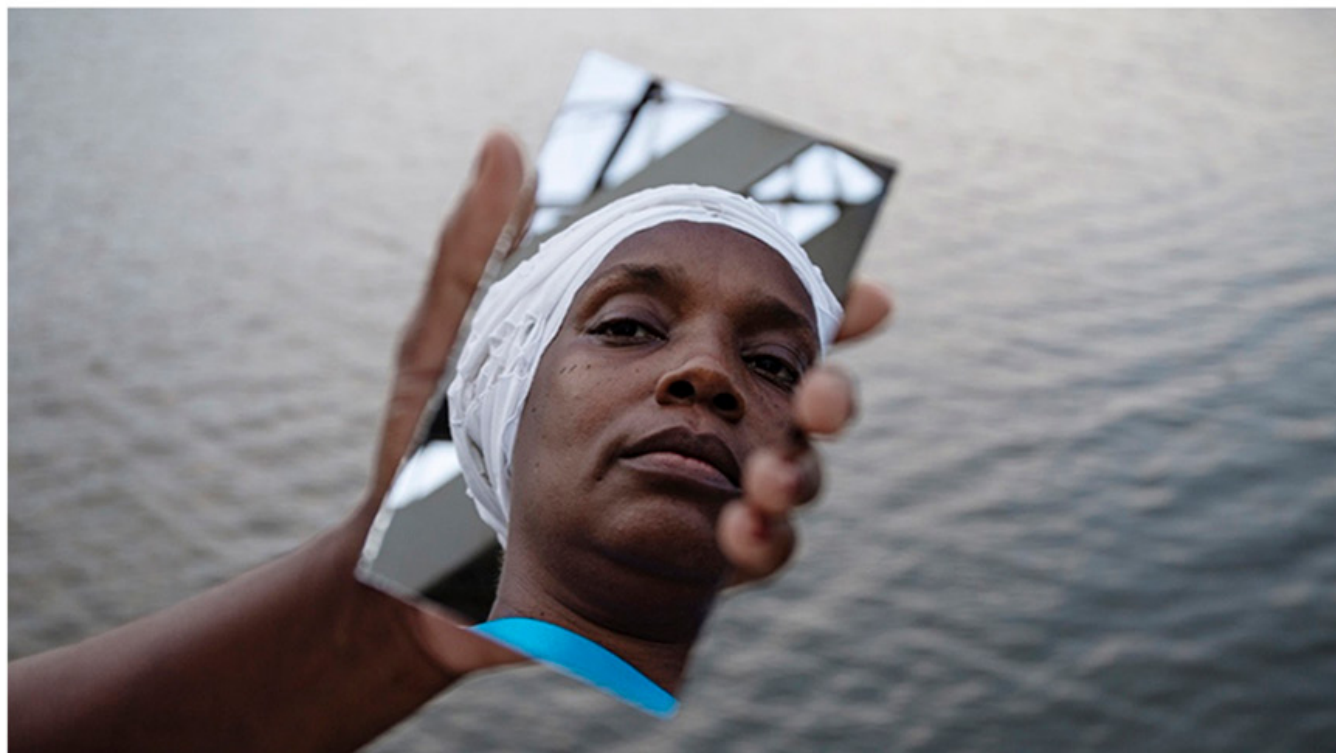


Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

## Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte  
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



# Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA

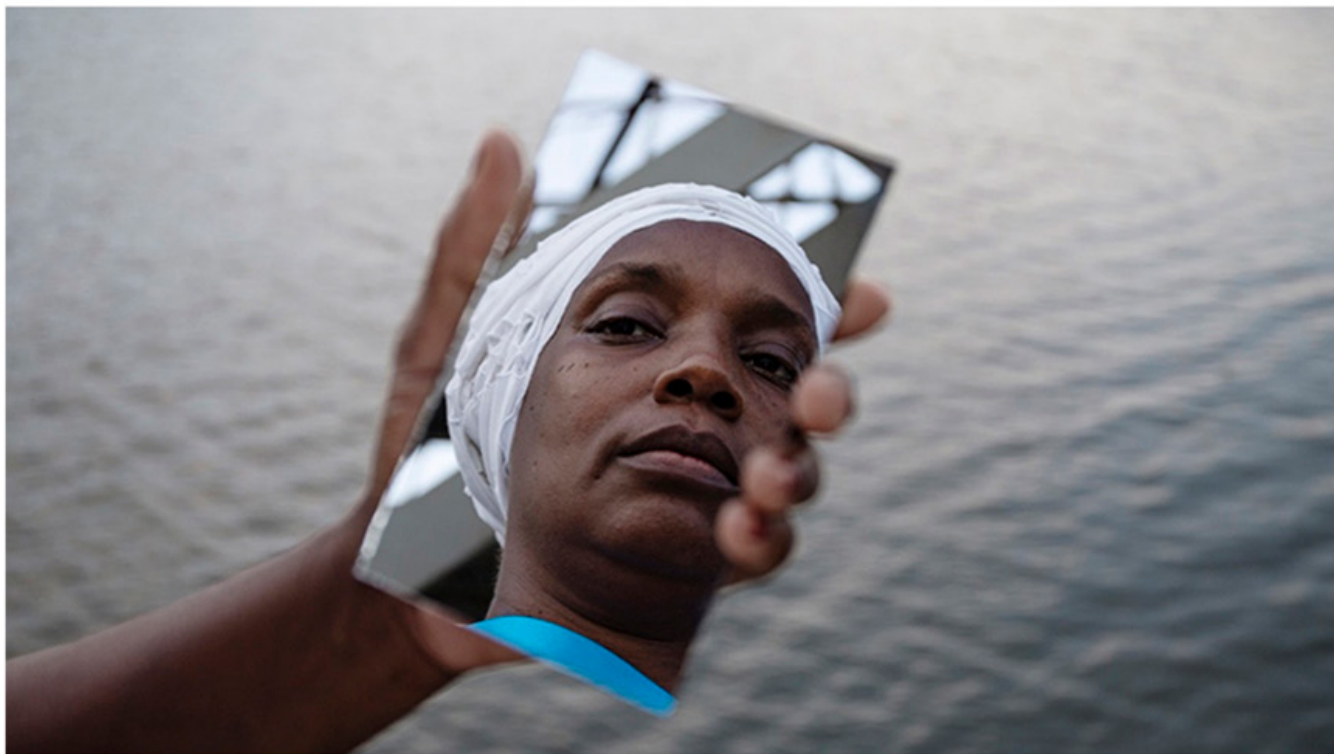


Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

## Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte  
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



### Organização



### Apoio



## 42º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE (2022)

**PRESIDÊNCIA DE HONRA (*in memoriam*)** – Walter Zanini

### **DIRETORIA DO CBHA (2023-2025)**

Presidente - Vera Maria Pugliese de Castro (UnB/CBHA)  
Vice-presidente - Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)  
Secretário - Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)  
Tesoureira - Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)

### **DIRETORIA DO CBHA (2020 - 2022)**

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)  
Vice-Presidente - Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL/CBHA)  
Secretária - Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)  
Tesoureiro - Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)

### **COMISSÃO ORGANIZADORA DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022**

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)  
Angela Brandão (UNIFESP/CBHA)  
Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)  
Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)  
Fernanda Pequeno (UERJ/CBHA)  
Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)  
Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)  
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)  
Sheila Cabo Geraldo (UERJ/CBHA)

### **COMITÊ CIENTÍFICO DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022**

Elisa Souza Martinez (UnB/CBHA)  
Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/CBHA)  
Maria Inez Turazzi (IBRAM/CBHA)  
Paulo Knauss de Mendonça (UFF/CBHA)  
Rita Lages (UFMG/CBHA)

### **COMISSÃO ORGANIZADORA DO PRÊMIO CBHA DE TESES/ 2022**

Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)  
Dária Jaremtchuk (USP/CBHA)  
Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP/CBHA)  
Paula Ramos (UFRGS/CBHA)  
Vera Beatriz Siqueira (UERJ/CBHA)

### **COMISSÃO ORGANIZADORA DOS ANAIS DO 42º COLÓQUIO DO CBHA**

Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)  
Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)  
Fernanda Pequeno da Silva (UERJ/CBHA)  
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

**IMAGEM:** Aline Motta, (*Outros Fundamentos*, 2017-2019).

**DIAGRAMAÇÃO:** Thaís Franco

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (42: 2022)

Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte - Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA, Rio de Janeiro, 7-12 nov. 2022. (Organizadores: Vera Marisa Pugliese de Castro, Eduardo Ferreira Veras, Ivair Junior Reinaldim, Daniela Pinheiro Machado Kern, Fernanda Pequeno da Silva e Rogéria Moreira de Ipanema. Porto Alegre: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2023 [2022].

Vários autores

1367 p. 21x29,7 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.42>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 42º do Colóquio do CBHA.

CDD: 709.81

Os textos dos artigos e as imagens reproduzidas nesta publicação são de responsabilidade dos respectivos autores.

Comitê Brasileiro de História da Arte (filiação ao *Comité Internationale de Histoire de l'Art*).

<http://www.cbha.art.br/index.html>

e-mail:cbha.secretaria@gmail.com

# Coalizões para a construção de um mundo por vir

Amanda Rezende, Universidade do Estado do Rio de Janeiro/  
<https://orcid.org/0000-0003-4594-1245>  
arfpdomiciano@gmail.com

## Resumo

A exposição “Dialectics of Isolation: An Exhibition of Third World Women Artists in the United States” [Dialéticas do Isolamento: Uma exposição de mulheres artistas do terceiro mundo nos Estados Unidos], contou com a presença de oito artistas mulheres na A.I.R. Gallery, galeria cooperativa em Nova York nos anos 1980. Nela se abordava os problemas e lançava-se questões acerca do movimento feminista nos EUA àquela época. Quase quatro décadas depois, em 2018, a mesma galeria propôs um diálogo a fim de interrogar o presente a partir dessa mostra, realizando o “Dialectics of Entanglement: Do We Exist Together?” [Dialéticas do entrelaçamento: Nós existimos juntas?]. Nesse sentido, a presente pesquisa pretende discutir ideias sobre diversidade, inclusão e identidade apresentadas nas exposições, além de investigar e discutir como a problemática da época foi reelaborada nessa nova exposição.

**Palavras-chave:** Feminismo. Identidade. Ana Mendieta. Autorepresentação. Decolonialidade.

## Abstract

The exhibition “Dialectics of Isolation: An Exhibition of Third World Women Artists in the United States” featured eight women artists at A.I.R. Gallery, a cooperative gallery in New York in the 1980s. It addressed the problems and raised questions about the feminist movement in the US at that time. Almost four decades later, in 2018, the same gallery proposed a dialogue in order to interrogate the present based on this show, holding the “Dialectics of Entanglement: Do We Exist Together?” In this sense, this research intends to discuss ideas about diversity, inclusion, and identity presented in the exhibitions, as well as to investigate and discuss how the problematic of the time was reworked in this new exhibition.

**Keywords:** Feminism. Identity. Ana Mendieta. Self-presentation. Decoloniality.

“Dialéticas do Isolamento” aconteceu na A.I.R. Gallery, galeria cooperativa fundada em 1972, em Nova York, como a primeira deste formato no país. Seu intuito era oferecer um espaço onde as artistas mulheres pudessem expor seus trabalhos, em uma época em que as galerias comerciais nova-iorquinas representavam mais artistas homens do que davam espaço ou promoviam artistas mulheres. Em um contexto no qual as discussões do movimento feminista norte-americano apontavam para disparidade entre mulheres e homens no mercado de trabalho, a criação da galeria surge como uma tentativa de começar a lidar com essa problemática. Dessa forma, a artista Nancy Spero, juntamente com cinco colegas, selecionara mais catorze mulheres para fundar a galeria.

Como tentativa de ampliar a discussão nesse sentido, as curadoras propuseram uma exposição que trouxesse outras perspectivas de mulheridade dentro do contexto artístico norte americano. O grupo curatorial da exposição era formado por três mulheres artistas não nascidas nos Estados Unidos, mas que atuavam no país. A primeira: Ana Mendieta (1948 - 1985) cubana e foi morar nos Estados Unidos em 1978. Teve a sua formação artística no estado de Iowa e produzia obras de arte em diferentes formatos midiáticos, com uma estética de uso do seu corpo para produzir impactos em questões feministas e sobre seu afastamento do país onde nasceu. Mendieta se juntou à *A.I.R. Gallery* em 1977 pouco tempo depois de se mudar para Nova York. Nela, teve sua série *Siluetas* [Silhuetas] (1977) exibidas em uma mostra solo.

A segunda foi: Kazuko Miyamoto (1942-) nasceu no Japão onde se formou em Artes. Após a sua mudança para os Estados Unidos em 1964, a artista frequentou e estudou no *Arts Student League of New York*, época na qual pintava e produzia esculturas com uma estética geométrica e abstrata. Nesse período, fim dos anos 1960 nos Estados Unidos, a cena artística começava a discutir suas problemáticas internas, sendo uma delas a questão das artistas mulheres. Com isso, alguns coletivos foram organizados por mulheres, tendo em vista a promoção de suas práticas artísticas e questionamento do patriarcado dentro do meio das artes. Uma das exposições realizadas por esses grupos foi a “13 Women Artists” [13 Mulheres Artistas], da qual Miyamoto participou e que teria sido o ponto de partida para o que viria a ser depois, a *A.I.R. Gallery*.

Por último temos a Zarina (1937-2020) que nasceu na Índia, mas morou em diversos países até se estabelecer em Nova York, em 1976. Em sua poética, a artista discutia sua história, os deslocamentos e o sentimento de pertencimento (ou não), por meio de uma estética mais abstrata, evocando espaços e sentimentos. Zarina fez parte do editorial de um coletivo de mulheres chamado *Heresies: A Feminist Publication on Art & Politics* [Heresies: Publicação Feminista de Arte e Política] na edição “*Third World Women: The Politics of Being Other*” [Mulheres do Terceiro Mundo: As Políticas de Ser Outro]. Em entrevista com a doutoranda Sadia Shirazi, Zarina explica que foi convidada

a participar do coletivo, mas não aceitou, e comenta sobre as diferenças que foram endereçadas nesse editorial.

Sempre li a publicação *Heresies* por ser sobre artistas de terceira classe. Nós não somos parte do primeiro mundo porque nós não somos Europeus, nós não somos brancos. Nós somos comunistas e de esquerda. Eu realmente não gostava do termo terceiro mundo. Parecia uma designação negativa... não havia uma única pessoa de cor na *Heresies*. (Zarina, FEMINISM FOR ME WAS ABOUT EQUAL PAY FOR EQUAL WORK—NOT ABOUT BURNING BRAS: INTERVIEW WITH ZARINA. [Entrevista concedida a] SHIRAZI, Sadia. 2018)<sup>1</sup>

O uso do termo “*Third World Women*” [Mulheres do Terceiro Mundo] vem de teorias econômicas após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Nesse contexto, posteriormente denominado como Guerra Fria, os países organizados do Atlântico Norte (OTAN) eram nomeados Primeiro Mundo; já o bloco Comunista era chamado de Segundo Mundo. Dessa forma, a conotação “Terceiro Mundo” era designada aos países do Sul Global que não estavam alinhados a nenhum deles.<sup>2</sup> Atualmente, tal termo não é mais utilizado.

Entretanto, à época da publicação foi utilizado como eufemismo para tratar das nacionalidades não norte-americanas, geograficamente mais excluídas do contexto mundial. No Editorial da revista, as autoras explicam o porquê da escolha do tema.

Alguns de nós viemos a este editorial coletivo querendo trabalhar com outras mulheres do Terceiro Mundo para quebrar o isolamento do tokenismo racial/sexual experimentado na faculdade, no trabalho, no movimento das mulheres e no “mundo da arte”. Para trocar ideias. Percebemos nossa invisibilidade na comunidade feminista e artística feminina. (HERESIES, 1979,p.1, tradução nossa)<sup>3</sup>

Ao utilizar essa designação, esse grupo de mulheres pôde apontar para um resquício do processo colonial que ainda estava vigente, que atuava juntamente com o imperialismo. Dessa forma, esse editorial buscava abrir diálogos com as mulheres que produziam arte e não possuíam tanta visibilidade dentro do próprio movimento feminista, direcionando a atenção para essas mulheres: negras, latinas, não ocidentais, imigrantes e indígenas.

---

1 “I always read the *Heresies* issue as being about third-class artists. We were not part of the first world because we were not Europeans, we were not white. We were communists and leftists. I really didn’t like the term third world. It felt like a negative designation . . . there was not one person of color in *Heresies*.” (Zarina, FEMINISM FOR ME WAS ABOUT EQUAL PAY FOR EQUAL WORK—NOT ABOUT BURNING BRAS: INTERVIEW WITH ZARINA. [Entrevista concedida a] SHIRAZI, Sadia. 2018, tradução nossa).

2 D’SOUZA, 2018, p.9.

3 “Some of us came to this editorial collective wanting to work with other Third World women to break the isolation of racial/sexual tokenism experienced in college, on the job, in the women’s movement and in the ‘art world’. To Exchange ideas. We realized our invisibility in the women’s feminist and art communities” (HERESIES, 1979,p.1)

Somos pintoras, poetas, educadoras, artistas multimídia, estudantes, construtoras navais, esculturas, dramaturgas, fotógrafas, socialistas, artesãs, esposas, mães e lésbicas. No início nós éramos Asiáticas-Americanas, Negras, Jamaicanas, Equatorianas, Indianas (de Nova Deli) e Chicanas; nascidas no exterior, de primeira geração, segunda geração e aqui para sempre. Somos todas estas e isto é extremamente difícil de definir. (HERESIES, 1979,p.1, tradução nossa)<sup>4</sup>

Diante das inquietações que sentiam sobre ser imigrante e um feminismo que não incluía mulheres negras, Mendieta, juntamente com Kazuko Miyamoto e Zarina, elaboraram a exposição *“Dialectics of Isolation: An Exhibition of Third World Women Artists in the United States”* [Dialéticas do Isolamento: Uma exposição de mulheres artistas do terceiro mundo nos Estados Unidos], como possibilidade de atravessar esses questionamentos e exibir trabalhos dessas artistas que não estavam frequentemente presentes em outros espaços.

A exposição contou com os trabalhos de oito artistas: Judith F. Baca, Beverly Buchanan, Janet Olivia Henry, Senga Nengudi, Lydia Okumura, Howardena Pindell, Selena Whitefeather e Zarina, selecionadas pelas curadoras e textos que dialogavam com as obras ali apresentadas. Ana Mendieta fez um breve texto curatorial endereçando as questões propositoras para o pensamento que viria se transformar na exposição física.

Teve um certo tempo na história em que as pessoas tomam consciência de si mesmas e fazem questionamentos sobre quem elas são. Após a Segunda Guerra Mundial, o título Terceiro Mundo foi usado como referência as populações da África, Ásia e América Latina. O movimento *Non-Aligned Nations* foi fundado em 1961 num encontro acontecido em Belgrado (Sérvia). Tendo como objetivo terminar o colonialismo, racismo e a exploração.

Nós do Terceiro Mundo nos Estados Unidos temos a mesma preocupação que eles. A população branca dos Estados Unidos, diversa, mas de origem europeia, exterminou a civilização indígena e deixou de lado a população negra como também as culturas não brancas para criar uma cultura dominante masculina hegemônica apesar de divergências internas.

Nós existimos? ...Questionar a nossa cultura é questionar nossa existência, nossa realidade humana. Para confrontar esse fato significa adquirir consciência sobre nós mesmas. Isso, por sua vez, se torna uma busca, um questionamento de quem somos e como nos realizamos.

Durante o meio até o final dos anos sessenta, as mulheres nos Estados Unidos se politizaram e se uniram no Movimento Feminista com o propósito de terminar a dominação e exploração da cultura machista branca, mas falharam em lembrar de nós. O Feminismo Americano tal como se apresenta é basicamente um movimento de classe média branca. Como mulheres não brancas nossas lutas são duplas.

---

4 “We are painters, poets, educators, multi-media artists, students, shipbuilders, sculptors, playwrights, photographers, socialists, craftswomen, wives, mothers and lesbians. In the beginning we were Asian-American, Black, Jamaican, Ecuadorian, Indian (from New Delhi) and Chicana; foreign-born, first-generation, second-generation and here forever. We are all of these and this is extremely hard to define.” (HERESIES, 1979,p.1)



Essa exposição aponta não necessariamente para a injustiça ou incapacidade da sociedade que não tem estado disposta a nos incluir, mas em direção a uma vontade pessoal de continuar sendo "outro".

(MENDIETA, 1980, p.1, tradução nossa)

Ao apontar para uma retomada consciente do uso desses termos, questiona – se não somente o patriarcado, mas o racismo e o imperialismo que estão, na verdade, ali interligados. Lugones (2014) afirma que:

A modernidade organiza o mundo ontologicamente em termos de categorias homogêneas, atômicas, separáveis. A crítica contemporânea ao universalismo feminista feita por mulheres de cor e do terceiro mundo centra-se na reivindicação de que a intersecção entre raça, classe, sexualidade e gênero vai além das categorias da modernidade. Se mulher e negro são termos para categorias homogêneas, atomizadas e separáveis, então sua intersecção mostra-nos a ausência das mulheres negras – e não sua presença. (LUGONES, 2014, p. 935).

O pensamento político interseccional é uma chamada para a ação em aliança. Aliança esta que é pautada na diferença e não por uma busca de universalizar as vozes presentes dentro do movimento feminista. Um modo de descentralizar evitando a marginalização e afastamento. Ao apropriarem das diferenças e do seu lugar de isolamento, as curadoras elaboram uma associação de resistência que age e tensiona as ideias e legados colonialistas e imperialistas presentes no feminismo daquele período.

No texto curatorial feito por Mendieta, há uma reivindicação pelo uso da palavra "outro". "This exhibition points not necessarily to the injustice or incapacity of a society that has not been willing to include us, but more towards a personal will to continue being 'other'." (MENDIETA, 1980, p.1)<sup>5</sup>. A designação da definição do "outro" é atribuída por um não reconhecimento, isto é, o que é diferente do "eu". Bonaventure Soh Bejeng Ndikung cita um estudo em seu artigo "Des-outrização como método (LEHZO, A ME KE NDE ZA)" como essa definição que diferencia o "eu" do "outro" por ser ampla pode se tornar um espaço perigoso para isolar e atribuir características que não é desejo do "eu".

Em *Key Concepts in Post-Colonial Studies*,<sup>8</sup> reitera-se que "a existência de outros é crucial na definição do que é 'normal' e na definição do lugar do indivíduo no mundo".<sup>9</sup> Isto é, para um indivíduo ou uma sociedade conhecer ou definir a si mesmos, é preciso definir outro indivíduo ou sociedade – que o primeiro indivíduo ou sociedade não seja ou não deseje ser. Muitas vezes, o "outro" torna-se, assim, uma superfície de projeção para todo tipo de características identitárias indesejáveis. (SOH BEJENG NDIKUNG, 2020, p.65)

---

5 " Esta exposição aponta não necessariamente a injustiça ou incapacidade da sociedade em não querer nos acolher, mas de encontro a uma vontade pessoal de continuar sendo 'outro'. " (MENDIETA, 1980, p.1, tradução nossa).

Uma possível interpretação ao desejo expressado por Mendieta de utilizar essa palavra é evidenciar essas características identitárias que não são desejadas, que as excluem, afastam e isolam: uma reapropriação do termo a fim de realçar essas diferenças. Bonaventure explica que o processo de “outrizar”, ou seja, de identificar e definir o “outro”, isolando-o do “eu”, são polaridades indissociáveis relacionais, ligadas por um conjunto de características específicas, diferentes e limitantes.

A tendência é enxergar a si mesmo através do prisma daquele que constrói outridade, do opressor, o que significa dizer que, diante da violência da contínua diminuição, ou comprimido naquele espaço do compartimento do selvagem em que se é lançado, a psiquê do “outrizado” força esse ser a aceitar uma existência dentro de um espaço marginal e limítrofe. (SOH BEJENG NDIKUNG, 2020, p.65)

Portanto, a importância da retomada da palavra “outro” se dá justamente na finalidade de revelar as projeções identitárias que estão contidas. O método de des-outrização pensado por Bonaventure parte do entendimento dos processos que contribuíram para a existência do “outro”, mas aponta para um lugar de saída da relação “outrizados” e “outrizar”.

Talvez a des-outrização comece pelo reconhecimento de atos e processos de outrização. Pela revelação das tendências profundas que alimentam, justificam, efetivam e mantêm atos e processos de outrização. É dentro dessa percepção e consciência, e sobre ela, e em direção a esses atos e processos de outrização, que podemos nos tornar capazes de construir resistência e nos proteger tanto de sermos outrizados como da urgência de outrizar. (SOH BEJENG NDIKUNG, 2020, p.65)

Na exposição, ao se apropriar da palavra “outro” as curadoras agem de forma ativa a partir das características que as diferem. Sem abrir mão das questões e processos políticos que estão entrelaçados, mas utilizando isso como potência. Porém, em alguma medida, é possível notar que a relação “outrizar” e “outrizado” ainda está presente. Apesar da tentativa de autorreflexão dos espaços da diferença, essa reflexão surge do isolamento dessas características dessemelhantes do feminismo classe média, problematizado no texto curatorial. Ou seja, a reflexão manifesta-se a partir da não inclusão dessas diversidades de vivências nas pautas discutidas.

Tendo isso em mente, é necessário pensar novos modos de enfrentamento para as pautas urgentes. Então, em 2018, as curadoras Roxana Fabius e Patricia Hernandez fizeram uma nova exposição em diálogo com esta, chamada: “*Dialectics of Entanglement: Do We Exist Together?*” [Dialéticas do entrelaçamento: Nós existimos juntas?]. A nova exposição aponta para o que foi ou não feito, pensado e mudado ao longo dos anos. Além das artistas presentes na exposição anterior também contará com um vídeo da artista Regina José Galindo, apresentação performática de leitura de Che Gossett e uma publicação de leituras de Aruna D’Souza e Rachael Rakes.

A curadoria propôs nessa nova mostra que as artistas presentes na *Dialectics of Isolation* revisitassem suas obras e refletissem sobre seus trabalhos, gerando novas produções. O título da exposição vem de parte do texto original de Mendieta esse ato produziu um entrelaçamento dando nome a exposição. “Do we exist? ... To question our cultures is to question our own existence, our human reality. To confront this fact means to acquire an awareness of ourselves.”<sup>6</sup> (MENDIETA, 1980, p.1). Tensionando como os questionamentos propostos por Mendieta na primeira exposição ainda ressoam atualmente.

Bonaventure fala que:

Portanto, com o termo “des-outrização” desejo propor um fenômeno em que a construção da identidade social não seja feita pela projeção sobre um chamado “outro”, mas por uma projeção em direção a si mesmo. Uma autorreflexão. Um bumerangue. Isto é, em vez de procurar ou de empurrar as próprias falhas, fantasias e angústias para os outros, seria possível incorporá-las e vivê-las. Trata-se de reconhecer e incorporar a pleora de variáveis que nos fazem ser. (SOH BEJENG NDIKUNG, 2020,p.65).

A interdependência de diferentes forças pode levar a busca de novas formas de ser. A sistemática capitalista que visa separar causas pode ter como possível efeito a construção de coalizões e colaborações a partir das diferenças nesse entrelaçamento que abandona a voz única e enxerga força na multiplicidade. Pensar amanhã possíveis, a exposição entrecruzar culturas e saberes nessa partilha trançando novos caminhos imagináveis para os corpos sociais.

O tema da nova exposição, “Nós existimos juntas?”, aponta para uma tentativa de produzir diálogos com objetivo de formar alianças. Compreende-se que a coletividade pode ser uma solução possível de enfrentamento para as questões sociais, de gênero e raça que foram e ainda são presentes no mundo artístico norte americano. Desse modo, propõe-se a saída da posição de isolamento, como as curadoras colocaram, evidenciando as disparidades, mas prospectando um novo lugar, onde as diferenças se entrelaçam e a existência juntas colaborativa a partir delas, pode produzir novos lugares de vivências coletivas menos violentas.

---

<sup>6</sup> “Nós existimos? ... Questionar a nossa cultura é questionar nossa existência, nossa realidade humana. Para confrontar esse fato significa adquirir consciência sobre nós mesmas.” (MENDIETA, 1980, p.1, tradução nossa).

## Referências

- CERIZZA, Luca. *The Gallerist: Kazuko Miyamoto from A.I.R. Gallery and Onetwentyeight, New York*. 2015. Disponível em: <https://www.art-agenda.com/criticism/237394/the-gallerist-kazuko-miyamoto-from-a-i-r-gallery-and-onetwentyeight-new-york>. Acesso 14 de outubro de 2021.
- D'SOUZA, Aruna. Curating Difference. In: HERNANDEZ, Patricia M.; FABIUS, Roxana. *Dialectics of Entanglement: Do We Exist Together?*. Nova York, 2018. Disponível em: [https://www.moma.org/learn/moma\\_learning/zarina-home-is-a-foreign-place-1999/](https://www.moma.org/learn/moma_learning/zarina-home-is-a-foreign-place-1999/)>. Acesso em: 14 de outubro de 2021.
- HERNANDEZ, Patricia M.; FABIUS, Roxana. *Dialectics of Entanglement: Do We Exist Together?*. Nova York, 2018.
- Heresies: A Feminist Publication on Art and Politics*. Nova York, v.2, n. 4, publicação 8, 1979.
- LUGONES, María. *Rumo a um feminismo descolonial*. In: *Estudos Feministas*. Florianópolis, 2014.
- MENDIETA, Ana. "Introdução" In: *Dialectics of Isolation: An Exhibition of Third World Women of the United States*, Catálogo expositivo. Nova York, p.1, 1980.
- RAKES, Rachel. Agitation, Isolation, Abstraction. In: HERNANDEZ, Patricia M.; FABIUS, Roxana. *Dialectics of Entanglement: Do We Exist Together?*. Nova York, 2018.
- SHIRAZI, Sadia. *Feminism for Me Was About Equal Pay for Equal Work—Not About Burning Bras: Interview with Zarina*. 2018. Disponível em: <https://post.moma.org/feminism-for-me-was-about-equal-pay-for-equal-work-not-about-burning-bras-interview-with-zarina/>>. Acesso em: 14 de outubro de 2021.
- SOH BEJENG NDIKUNG, Bonaventure. Des-outrização como método (Leh zo, a me ke nde za). *21ª Bienal de Arte Contemporânea Sesc\_Videobrasil: Comunidades imaginadas*. 2020.

### Como citar:

REZENDE, Amanda. Coalizões para a construção de um mundo por vir. *Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA*, São Paulo: CBHA, n. 42, p. 1259-1266, 2022 (2023). ISSN: 2236-0719.

DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.42.102>

Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>